

ABUSO SEXUAL TRANSGERACIONAL

Giovanna Costa Escomação
100-168-069-30

Professora Rosani Kinasz
Amanda Bueno wistuba
Camila Cristiane de Camargo
Michele Katia Horigome da Silva Taguchi

Faculdades Pequeno Príncipe

Curso de Psicologia

Camila_milacris@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Abuso transgeracional, ciclo vicioso e transgeracionalidade

RESUMO: Nesse projeto buscamos pesquisar sobre o assunto de abuso sexual transgeracional, por mais que tenha uma ocorrência contínua e é pouco conhecido e comentado, buscamos auxílio com psicólogos e instituições para o determinado assunto no desenvolvimento do trabalho.

Ao longo do trabalho, foram realizadas cinco entrevistas com psicólogos e assistentes sociais de instituições que atendem crianças e adolescentes abusados. Em todas as entrevistas os profissionais relataram que a maioria dos casos são de abusos intrafamiliares, dado confirmado nos atendimentos do Hospital Pequeno Príncipe em 2016, onde 71,1% dos casos eram intrafamiliares e 52% dos agressores, os pais.

Na entrevista com a psicóloga hospitalar abordando o atendimento hospitalar para crianças e adolescentes com sinais de violência foi relatado que a violência intrafamiliar pode ser manifestada de várias formas. Os relatos de abuso são feitos em uma unidade próxima e assim encaminhada a um hospital de referência. (Hospital Pequeno Príncipe para vítimas de 12 anos, Hospital de Clínicas e Hospital Evangélico para vítimas maiores de 12 anos).

O atendimento no Hospital Pequeno Príncipe passa por uma série de procedimentos os quais as crianças têm a oportunidade de relatar o abuso ou há sintomas eminentes. Após o relato do abuso a equipe médica junto a assistente social emitem um documento da rede de proteção à criança e adolescente que após uma avaliação é encaminhado para o conselho tutelar. Já os internamentos que necessitam de cirurgia passam por outros passos durante o período de internação no hospital junto ao acolhimento da equipe de médicos, enfermeiros e psicólogos.

Dentro das hipóteses de solução Pelisoli (2010) postula que existem três possibilidades de intervenções: primária, secundária e terciária, no âmbito da violência, as intervenções primárias se referem à sensibilização dos profissionais acerca da prevenção, conscientizando as pessoas, já as secundárias atuam na identificação e intervenção precoce e as terciárias promovem o atendimento às vítimas identificadas.

Nos casos específicos de abuso sexual infantil, os acadêmicos propuseram algumas ações que abrangem os níveis primário e secundário de intervenção e que podem ser aplicadas no âmbito escolar, como, abordagem direta de forma lúdica às crianças; capacitação de educadores e profissionais para conscientizar alunos e familiares e abordagem à família acerca do tema e das consequências da negligência.

As famílias possuem ideologias compartilhadas por seus membros, cuja natureza não é contestada, com isso, famílias geradores de abuso sexual perpetuam papéis sociais, relações sociais, atitudes e valores corrompidos. Nessas famílias, impera a “síndrome conectora de segredo” englobando abusador, vítima e familiares. Neste sentido, tudo o que pode trazer prejuízo a família é considerado um “mito intocável”. Eghari (2006)

Em muitos casos os pais vítimas de abuso, perpetuam nas suas famílias por que construíram em sua vida uma autoimagem negativa que afeta o desenvolvimento na infância e adolescência interferindo em aptidões sociais, na idade adulta prejudica o envolvimento em relacionamentos saudáveis levando a um ciclo vicioso, em especial os homens, que podem depositar na criança sua atenção para obter “alimento emocional” e gratificação emocional. Eghari(2006)

Na visão de Piaget com sua teoria de desenvolvimento mental e intelectual (0 aos 12 anos) e após esse período o amadurece na vida adulta, relacionando com o assunto abuso sexual, o indivíduo que sofreu algum abuso na infância não estará propício a causar nenhum dano ou tipo de atraso nesses estágios do desenvolvimento mental, porém, a visão do indivíduo de si mesmo pode se tornar algo distorcido durante esse período podendo causar consequências a curto e a longo prazo fisicamente e emocionalmente.

Esse trabalho foi apresentado informações relevantes e atuais sobre o abuso sexual infantil com enfoque no abuso intrafamiliar, aspectos transgeracionais a partir de entrevistas realizadas com psicólogos e assistentes sociais de órgãos governamentais e não governamentais.

REFERÊNCIAS:

EGHRARI, C.A. Abuso sexual infantil intrafamiliar- Aspectos Transgeracionais. Brasília/ DF. Nov. 2006. Disponível em: <

<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2917/2/20210806.pdf>

HABIGZANG, L. F.; HATZENBERGER, R.; CORTE, F.D.;STROEHER, F.;

KOLLER, S.Grupo Terapia Cognitivo-comportamental para meninas vítimas de abuso sexual: descrição de um modelo de intervenção. **Psic. Clín.** Rio de Janeiro, vol. 18, n.2, p.163-182, 2006.

PELISOLI, C.; PICCOLOTO, L. B. Prevenção do abuso sexual infantil: estratégias cognitivo-comportamentais na escola, na família e na comunidade. **Rev. bras.ter. cogn.** vol.6 no.1 Rio de Janeiro jun. 2010.

PIAGET, Jean. Epistemologia Genética: tradução Álvaro Cabral, 4ª edição – São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2012.